

A PROPÓSITO DE DOIS CONJUNTOS DE MOEDAS DE MALACA

POR

C. H. DAKERS

TRADUÇÃO DO

DR. LUÍS PINTO GARCIA

Autorizada pelo Presidente e Direcção da Secção Malaia
da Real Sociedade Asiática

Sem o interesse dos dois artigos, já publicados, da autoria do Dr. Hanitsch, damos hoje à estampa, em língua portuguesa, este estudo de C. H. Dakers que se inseriu no *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society*, volume XVII (1), págs. 1-12. Fica no entanto traduzido como remate necessário dos anteriores e como último eco dos achados preciosos de há quase meio século junto à foz do rio Malaca.

Tomamos a liberdade, por isso mesmo, na versão lusa, de lhe modificar o título, bem diferente no original — *The Malay coins of Malacca (As moedas malaias de Malaca)* —, deixando ainda de traduzir certos pontos sobre «numaria orientalis».

Do seu autor pouco sabemos. H. Dakers, súbdito britânico, era funcionário civil nos Estabelecimentos do Estreito e notabilizou-se como perito nos estudos da numismática malaia. Foi morto pelos japoneses em 1942 durante a ocupação daquela possessão inglesa do Extremo-Oriente.

L. P. G.

Em 1900 e posteriormente em 1904 umas excavações perto da foz do rio Malaca originaram o achado duma considerável quantidade de moedas. Oferecidas pelos Ex.^{mos} Senhores W. Egerton e R. N. Bland do Museu Raffles, foram objecto de artigos no *Journal of the Royal Asiatic Society* (Straits Branch), n.^{os} 39 e 44, da autoria do dr. R. Hanitsch. As moedas malaias, portuguesas, holandesas e da Companhia das Índias

(1) Parte I — Outubro de 1939.

Orientais constituíam o maior número do conjunto e a mais moderna delas era de 1856.

O Dr. Hanitsch foi feliz ao identificar entre elas uma série de moedas portuguesas de Malaca, cuja existência era até ali desconhecida, pois, embora os *Commentarios* de Albuquerque façam especial menção da entrega da moeda «moura» e da emissão de moeda pelos portugueses em Malaca, Millies ⁽¹⁾, a grande autoridade sobre numismática do Arquipélago, escreveu que «Malaca não nos deixou nenhum monumento numismático conhecido». As investigações do Dr. Hanitsch, dadas a lume nos seu dois artigos, deram o óptimo resultado de mostrar que Malaca teve emissão de moedas portuguesas a partir do reinado de D. Manuel (1495-1521) mas, em continuação, afirma que não pode provar, duma maneira concreta, que o conjunto contenha moedas dos sultões de Malaca anteriores aos portugueses. As leituras que dá de algumas das moedas malaia não podem ser aceites e, somente num caso, tenta uma identificação.

Desde 1905 estas moedas têm estado no Museu Raffles, mas as malaia não foram o objecto de qualquer estudo ulterior. Em 1936, durante os trabalhos de catalogação das colecções daquele estabelecimento cultural, foi-me permitido tentar o seu estudo. O resultado foi interessante, porquanto pode agora com segurança afirmar-se que estão identificadas moedas dos antigos sultões malaia de Malaca.

Segundo os *Commentarios* de Albuquerque foi concedido ao Xá Iskander de Malaca o privilégio de cunhar moeda de estanho miúda, como resultado duma embaixada ao rei da China ⁽²⁾, privilégio que exerceu logo que regressou a Malaca. Porém, nenhuma moeda do seu reinado se descobriu ainda, muito embora se tenham identificado moedas do 5.º soberano de Malaca, o Xá Muzaffar — um personagem histórico — e de alguns dos seus sucessores. São todas elas de estanho ⁽³⁾. Este é o que se chama um metal infeliz ⁽²⁾, pois é vítima duma doença infecciosa e, independentemente da corrosão superficial, arruina-se interiormente. Em muitos casos toda a superfície duma moeda se pode desfazer em lascas, não deixando nenhum traço do desenho ou legenda originais. A julgar pelas gravuras, as moedas têm-se deteriorado desde que passaram pelas mãos do Dr. Hanitsch.

⁽¹⁾ Vejam-se no final esta e outras notas do Autor. — *N. do T.*

⁽²⁾ *Sic.* — *N. do T.*

O processo de cunhar moeda parece ter sido o de fundir discos de metal e depois bater as faces com um par de cunhos. Muitos exemplares mostram uma ou mais rebarbas, o que demonstra que o metal saíu fora da matriz. Era vulgar os discos serem ornamentados com uma espécie do botão saliente no centro, e o facto de, em muitos casos, o desenho se encontrar cunhado naquele botão, mostra que os discos eram posteriormente batidos. Acrescente-se a isto que algumas moedas mostram sinais de dupla pancada causada pelo escorregamento do cunho e, também, de pancada parcial, como resultado do cunho não ter sido devidamente centrado sobre a face da moeda. Sob este aspecto estas moedas diferem das últimas cunhagens malaías, em que a legenda desapareceu nas matrizes e as moedas eram fundidas numa só operação. Estes defeitos de metal e de manufactura e o frequente estado de gastamento e de corrosão das moedas têm tornado difícil ler a maioria das legendas. Felizmente uma porção de duplicados das espécies mais antigas tornou possível completar as legendas dos espécimes de Muzaffar e de Mansur, mas há várias peças únicas das quais apenas partes da legenda se podem distinguir.

As maiores dei a denominação de *Cashas*. *Caixes* é o nome usado por Albuquerque nos *Commentários*. O Capitão John Davis (4) em 1599 visitou Achém e viu duas espécies de moeda: de ouro e de chumbo. As deste metal chamou *Caxas* ou *Cashas*, acrescentando que 400 delas equivaliam a um *Cowpan* e 4 *Cowpans* a um *Mas*. Existem algumas mais pequenas (5) a que chamei *Meias Cashas* e ainda duas pequenas e muito delgadas que podem ser *Quartos de Cashas*. A palavra é de origem sul-indiana e não a consegui encontrar em qualquer dicionário malaio.

Os pesos variam e eu suponho que nenhum cuidado foi tomado para ajustá-los com exactidão. Os módulos variam, entre as *Cashas*, de 19 a 25 mm.. A sua média de módulo é de 21,5 mm. e a média de pesos oscila entre 2,5 e 3 gramas.

É de notar que o conjunto monetário envolve a história de Malaca até aos meados do século passado (6). Observou muito bem o Dr. Hanitsch que não figuram entre elas as conhecidas peças furadas de estanho, típicas na Malaia Setentrional, mas muito mais estranho é não exitirem exemplares das moedas de estanho de Jahore, de forma hexaédrica e octaédrica, chamadas *Katun* (7), idênticas às reunidas por J. B. Gardner e provenientes das antigas margens do rio Jahore.

Há algumas moedas dum estilo diferente que eu suspeito serem de fora (e integradas depois na colecção), muito embora Malaca tivesse

sido um porto florescente. E, no entanto, é mais que provável que as moedas achadas incluam, além de uma identificada como de Trenggannu (Hanitsch, n.º 5 ⁽¹⁾), moedas de Achém e de outros Estados do Arquipelago. Se algumas moedas de prata ou de ouro se encontraram, elas não vieram para o Museu. As moedas malaias de prata são mais raras do que as de ouro e, não obstante os portugueses terem cunhado prata em Malaca, muita da prata usada na Malásia era de origem estrangeira.

Eu dividi o conjunto em grupos numa tentativa de dar às moedas uma espécie de ordem cronológica ⁽²⁾:

-
 E) Tipos sem cunho;
 F) Diversas ⁽³⁾

-
 E) Tipos sem cunho

N.ºs 53-58. Este grupo é pequeno comparado com o de moedas com cunhos. Mostram vulgarmente estas moedas um botão numa ou nas duas faces. São dum tipo vulgar. Duma há apenas um fragmento.

N.ºs 59-61. Estas podem ser moedas portuguesas muito safadas. Não têm botões. A n.º 59 é delgada, mas as 60 e 61, mais grossas e maiores do que a *Casha* vulgar, podem ser *Meios Bastardos*. A 61 é de forma irregular. Pesam 3,900 gramas a 59, 7,917 gramas a 60 e 7,257 gramas a 61.

Dois destes exemplares foram oferecidos à Sociedade Histórica de Malaca.

- F) Diversas

N.º 62 — Este grupo tem 59 *cashas*, algumas partidas, nas quais as legendas são tão incompletas que se torna impossível a classificação. Muitas estão corroídas e classificadas, e consideravelmente safadas. Reuni-as e dei-lhes o n.º 62.

N.º 63 — Duas moedas totalmente ilegíveis com 14 mm. e pesando 0,884 gramas e 0,812 gramas, podem ser *Quartos de Casha*. Dei-lhes o n.º 63.

.....
 · Um objecto associado com as moedas foi encontrado também em Malaca. O Dr. Hanitsch apresenta a sua gravura no primeiro artigo,

(1) On a collection of coins from Malacca.

(2) Na tradução não se faz referência aos grupos de moedas orientais.

(3) Segue-se, no original, a descrição, por grupos, das ditas moedas orientais.
 — N. N. do T..

lâmina 1, fig. 1. Sugere que ele nos dá a representação da roda de St.^a Catarina e que foi cunhado em Goa. Sou de opinião que o desenho do anverso é uma flor de 7 pétalas. O reverso é liso. É provável que fosse usado como uma ficha. Dá-lhe o Dr. Hanitsch o módulo de 27 mm. e o peso de 8,9 gramas.

Pouco mais luz poderemos fazer sobre estas moedas de Malaca até que alcancemos um número delas muito maior para estudo. Infelizmente esta moeda de estanho tinha tão pouco valor intrínseco que não era escondida. Eu nem mesmo tenho notícia dum tesouro de moedas deste metal achado na Malaia.

De forma nenhuma podemos dizer que as moedas do grupo B ⁽¹⁾ em deante sejam realmente moedas de Malaca e, além disso, a atribuição de datas, desta mesma série, apresenta extraordinária dificuldade.

Constatámos assim a existência de moeda de estanho datando dum período anterior à conquista portuguesa. Os portugueses recolheram-na «por apagar a moeda dos Mouros, e lançar suas prantas, nome fora da terra».... «e veio tanta quantidade dela» (à casa da moeda) «por medo da pena» (de morte) «...., que os oficiais não se podiam valer com o despacho». Se Albuquerque nos dá aqui a verdadeira situação ou se aquilo que ele desejou parece verdade, não sei dizê-lo, mas o facto é que os portugueses parecem ter satisfeito amplamente as necessidades locais de trocos de estanho. Isto conduz-nos do reinado do Xá Muzaffar até à tomada de Malaca pelos holandeses em 1641. Os holandeses não fizeram qualquer emissão em Malaca e nos primeiros anos emitiram muito pouca moeda nas chamadas Índias Neerlandesas. Começaram a lutar contra a insaciável procura de trocos no Arquipélago Malaio sòmente quando a Companhia das Índias Orientais (Vereenigde Oostindische Compagnie) trouxe da Europa e espalhou esses milhões de *Duits* seus que vulgarmente são encontrados em toda a região. As excavações de Malaca deram-nos 14 deles, os mais antigos datados de 1729 (vide Hanitsch, n.º 1 ⁽²⁾ — Westfrisia). Os cem anos seguintes, a contar daquela data, são representados pelos mesmos *Duits* da V. O. C. ⁽³⁾, por

(1) Os grupos A, B, C, D e G, são de moedas malaia e as suas descrições originais não foram, como é óbvio, traduzidas.

(2) Referidos numa parte do trabalho do Dr. Hanitsch. *A propósito dum conjunto de moedas de Malaca*, a qual nesta traduzimos. — *N. N. do T.*

(3) Vereenigde Oostindische Compagnie — Companhia Holandesa das Índias Orientais.

fracções de *Stuivers*, pelas fichas denominadas *Kepings* e por moedas da E. I. C. (1) para Sumatra. A série termina em 1856 com um deslocado *Cêntimo* de cobre moderno das Índias Neerlandesas.

As últimas moedas portuguesas atribuídas a Malaca são peças de prata datadas de 1636 (15) e, embora não haja nenhuma destas moedas no conjunto, é possível que algumas das inatribuídas moedas de estanho portuguesas possam pertencer aos últimos anos do seu governo. Isto deixa-nos uma grande lacuna na série de moedas que podemos datar e, desde o fim da série portuguesa, cerca de 1641, até ao *Duit* de 1729 da V. O. C., nada há que possamos definitivamente dizer que seja moeda local.

Sou de opinião que os *Cashas* dos grupos B'a F poderiam muito bem preencher essa lacuna de 100 anos, grosso modo do primeiro quartel do século XVII ao primeiro quartel do XVIII. A verdade é que nenhuma justificação tenho para esta teoria, a não ser que ela parece apóiar o nosso caso, e também porque é um facto que a manufactura de moeda de estanho local não foi certamente suprimida pelos holandeses neste período nas suas possessões das Índias Orientais (16).

NOTAS (2)

(1) H. C. MILLIES — *Recherches sur les Monnaies des Indigènes de L'Archipel Indien et de la Péninsule Malaie* — 1871, pág. 140.

(2) Se este facto é verídico é muito curioso que estas moedas de Malaca não mostrem traços de influência chinesa, porquanto elas são cunhadas e não têm buraco central. Encontraram-se com elas moedas chinesas, mas o Dr. Hanitsch afirmou (pág. 186 (3)) que estavam muito corroídas para poderem ser identificadas. Não as cheguei a ver.

(3) Um espécime do Grupo F foi analisado no Instituto de Pesquisas Médicas de Kuala Lumpur e verificou-se que era praticamente de estanho puro com vestígios de chumbo.

(1) East—India Company — Companhia Britânica das Índias Orientais.—*N. do T.*

(2) Referem-se à parte do texto traduzido as que estão entre parêntesis. Estas são todas traduzidas. Das restantes apenas se apresenta em língua portuguesa, por ser interessante e relacionar-se com a nossa história em Malaca, a n.º 9.—*N. do T.*

(3) Paginação de *A propósito dum conjunto de moedas de Malaca* no original inglês — *On a collection of coins from Malacca*.

(4) No relatório de John Davis ao Conde de Esse «Purchas his pilgrimes» — 1.^a parte — Londres — 1625, in-fólio — Livro 3.^o, pág. 123, as moedas eram citadas com variantes de denominação: *cashes*, *chazzas*, *caixas*, *caxias* e *caxas*.

(5) As faces e cunhos são mais pequenos no caso do tipo 2 (1) e por isso os classifiquei como *Meias Cashas*.

Isto não obsta que o tipo 2 seja uma emissão posterior de *Cashas* numa escala menor, como de resto é bem visível que não há no conjunto *Cashas* de grande face do Xá Mansur, se bem que os cunhos do tipo 3 (2) sejam do mesmo módulo que os do tipo 1 (3). Como os pesos não parecem ter sido cuidadosamente ajustados, elas dão-nos fraca orientação. O peso médio de tipo 2 é aproximadamente o mesmo do do tipo 1, mas, quando tentamos argumentar com este facto, verificamos que o melhor espécime do tipo 1 pesa 1,937 gramas enquanto que um espécime pobre (4) pesa 2,465 gramas. Os espécimes do Museu Britânico incluem um exemplar grosso do tipo da *Meia Casha* que é difícil de classificar.

(6) Não existem moedas entre o *Cêntimo* de 1878 das Índias Neerlandesas e a última moeda — um *Cêntimo* de cobre de 1856 das N. I. (5) de estilo moderno.

(7) J. R. Wilkinson chama-lhes *Ketun* e deriva-as de *Ducatoon* (6).

(8)

(9) Colaborou nesta nota o Dr. W. Linehan:

Este é um dos exemplos em que a Numismática corrobora a História. Ahmad era o primogénito duma princesa de Pahang e do sultão Mamud, o último soberano malaio de Malaca, que foi expulso pelos portugueses em 1511 e faleceu em Kampar em 1528. Mamud assassinou infamemente o marajá Bendahara Seri, seu primeiro ministro. Desposou a seguir a filha deste, de nome Tun Fatima, cujo primeiro marido fora uma das vítimas do massacre que dera lugar à morte do pai. Mamud, pouco depois, foi assaltado por remorsos à vista da dor exteriorizada pela esposa. Proclamou sultão seu filho Ahmad, conservando para si os direitos reais, e retirou-se temporariamente para Kayu Ara, no interior de Malaca. Foi decerto em celebração deste acontecimento, ocorrido em 1510, que se fez a emissão de que é exemplo esta moeda (7).

Eis em duas palavras a vida de Almad, após aquela data: Tomou parte importante

(1) Referente a espécimes de que se fala largamente no original e cujas descrições, por não interessarem, deixamos de traduzir.

(2) Idênticamente.

(3) Idênticamente.

(4) De má conservação.

(5) Índias Neerlandesas.

(6) *Ducatão*.

(7) Referente a uma *Casha* de Ahmad, de que fala também o Dr. Hamitsch, e que é descrita numa parte do texto original que não traduzimos. — N. N. do T.

na defesa de Malaca contra os portugueses. Montado num elefante entrou em combate e foi ferido. Depois da queda da cidade fugiu com seu pai para Pagoh, na região de Muar, e levantou rapidamente uma paliçada em Bentayan (a moderna Bandar Maharani). Quando a povoação caiu em poder dos portugueses, os malaioes fugiram para Pahang, e seguidamente para Bintan, na ilha de Riau. Passado tempo Mamud, que investira o filho na dignidade de sultão, matou-o atrozmente.

(11 (1))

(12)

(13)

(14)

(15) Veja-se o artigo de H. T. Grogan *Numismática Indo-Portuguesa*. — *As cunhagens da Casa da Moeda da Malaca* (2) na *Numismática Circular* de Novembro-Dezembro de 1916, figs. 20, 21 e 23.

(16) H. C. Millies, obra citada, lâminas XIV, XV, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI.

(1) No original há omissão da nota 10!

(2) Faz parte duma série que traduzimos e a que demos o título de *Numismática Indo-Portuguesa*.—N. N. do T.